

OS PERCURSOS E AS VIVÊNCIAS LGBT EM QUIXADÁ-CE

Los trayectos y las vivencias LGBT en Quixadá-CE

The paths and experiences LGBT in Quixadá-CE

Ana Paula do Nascimento Vasconcelos
Universidade Estadual do Ceará (UECE)
anapaula.nvasconcelos@gmail.com

Otávio José Lemos Costa
Universidade Estadual do Ceará (UECE)
otavio.costa@uece.br

Resumo

Os grupos sociais de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LBGT) são historicamente banidos dos espaços públicos, pois são dissidentes da heteronormatividade. Sendo assim, foi realizado uma pesquisa participante com o intuito de analisar os percursos e as vivências dessas pessoas no contexto intraurbano de Quixadá, Ceará. Considerou-se o enredo do Nordeste/Ceará “cabra da peste” e foi disparado a pergunta “como é ser um (a) LGBT em Quixadá? É proposto mais uma contribuição teórico-metodológica para as abordagens da cidade e do urbano, conectados com os fenômenos que envolvem os grupos sociais historicamente estigmatizados; e para a problemática da relação espaço-gênero-sexualidade dimensionando os conceitos de território e microterritorialidades.

Palavras-chave: Cidade. Urbano. LGBT. Território. Microterritorialidades.

Resumen

Los grupos sociales de Lesbianas, Gays, Bissexuales, Travestis y Transexuales (LBGT) son históricamente prohibidos de los espacios públicos, pues son disidentes de la heteronormatividad. Así, se realizó una investigación participante con el propósito de analizar los recorridos y las vivencias de esas personas en el contexto intraurbano de Quixadá, Ceará. Se consideró la trama del Nordeste / Ceará "cabra de la peste" y se disparó la pregunta "¿cómo es ser un (a) LGBT en Quixadá? Se propone otra contribución teórico-metodológica para los enfoques de la ciudad y del urbano, conectados con los fenómenos que involucran a los grupos sociales históricamente estigmatizados; y para la problemática de la relación espacio-género-sexualidad dimensionando los conceptos de territorio y microterritorialidades.

Palabras clave: Ciudad. Urbano. LGBT. Territorio. Microterritorialidades.

Abstract

Lesbian, Gay, Bisexual, Transvestite and Transsexual (LBGT) social groups are historically shut out from public spaces because they are dissidents of heteronormativity. Therefore, a participant research was carried out with the purpose of analyzing the paths and experiences of these people in the intra-urban context of Quixadá-CE. It was considered the plot of the Northeast / Ceará "cabra da peste" and was shot the question "what is it like to be an LGBT in Quixadá? Another theoretical-methodological contribution is proposed for the approaches about the city and the urban connected with the phenomena that involve the historically stigmatized social groups; and to the problematic relations hip among space-genre-sexuality and dimensioning the concepts of territory and microterritorialities.

Key-Words: City, Urban, LGBT, Territory, Microterritorialities

INTRODUÇÃO

O artigo tem por objetivo analisar as vivências e os percursos das pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais e Travestis (LGBT) no contexto intraurbano de Quixadá-CE. Tal proposição foi construída no âmbito do trabalho de campo realizado entre os anos 2013-2015 para a produção da monografia. Assim, esse artigo se constitui como parte de uma pesquisa maior. Para a captura das trajetórias e narrativas, foi realizada uma pesquisa participativa com auxílio de ferramentas como diário de campo, registro fotográfico e questionários abertos. Os objetivos específicos foram: perceber a dinâmica e o contexto da cidade identificando os lugares que eles e elas frequentam; refletir sobre a posicionalidade do (a) pesquisador (a) frente à vivência no campo e à comunicação com os (as) interlocutores (as); e evidenciar a importância dos marcadores sociais - classe e gênero, nesse tipo de abordagem.

Com enfoque na relação espaço-gênero-sexualidade, problematiza-se a relação entre essas categorias, enfatizando a problemática da leitura linear entre sexo, gênero e desejos, na qual oblitera as outras trajetórias dos sujeitos que se auto identificam como LGBT e todos os (as) dissidentes da heteronormatividade. Concatena-se com as proposições Massey (2015) sobre a leitura do espaço e sua perspectiva relacional. O que significa pensar que a cidade é formada/composta por várias trajetórias, histórias, percursos e não é homogênea. Assim, cabe apreender fenômeno urbano em sua multiplicidade, que envolve não só os agentes econômicos e políticos que agem com os seus respectivos interesses. A cidade é multiplicidade na qual diversos sujeitos marcados pelas diferenças de classe, de sexo, gênero compõem as paisagens da cidade, demarcam territorialidades e revelam as diferenças e as contradições sociais. E tais marcadores limitam e/ou possibilitam acessos aos lugares, tanto públicos como privados na cidade e, ao mesmo tempo, criam e ressignificam outros lugares.

A escolha de Quixadá para o campo de investigação não se deu aleatoriamente. Ela foi eleita por ter sido a primeira cidade do Sertão Central do Ceará a realizar a “Parada pela diversidade sexual”, no ano 2010, bem como os desfiles para a escolha “Miss Gay Quixadá”. Esses eventos são produzidos com a colaboração da Secretária de Esportes e Juventude da prefeitura municipal com o intuito de debater e combater o preconceito e a discriminação contra essas pessoas, tendo em vista o número de LGBT que sofreram/sofrem violências no município. Assim, como foi destaque nos jornais locais, a união entre duas mulheres registrada em cartório, na qual uma delas é a dona do primeiro bar especialmente para GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes - sigla dos anos 1990 para os bares e outros estabelecimentos voltados para as pessoas homoafetivas). Tais informações entrecruzam com notícias negativas sobre atentados violentos contra os grupos LGBT no município.

TEMPORALIDADES, ESPACIALIDADES E CONTEXTOS

O Nordeste é o marco do processo de ocupação/invasão portuguesa (processo marcado pela soberania masculina); é historicamente a terra de “cabras machos” (expressão nativa que demarca a força e a

bravura dos homens). O reforço dos estereótipos baseados na lógica binária – masculino e feminino – são demarcados em todos os aspectos da vida – na manutenção e sustento econômico da casa como obrigação dos homens; nas atividades domésticas e cuidados dos filhos e filhas, atribuídos como atividades femininas; e nos comportamentos que não podem ser oscilantes e são compreendidos como naturais.

Embora a lógica descrita acima seja uma característica da cultura brasileira, isso implica pensar, como sinalizou Parker (2002, p. 64), que: “todos os brasileiros estão familiarizados com a lógica cultural desse sistema de significados sexuais e o compreendem implicitamente, mesmo que não o utilizem necessariamente hoje como quadro contextual primário para à organização de sua própria experiência sexual”.

E nessa conjuntura, o Nordeste se caracteriza como a “região mais homofóbica do Brasil, pois abrigando 28% da população brasileira, aí concentraram-se 43% das mortes, seguido de 35% no Sudeste e Sul, 21% no Norte e Centro Oeste” segundo o RELATÓRIO DE ASSASSINATOS DE HOMOSSEXUAIS (LGBT) NO BRASIL (2013) elaborado pelo Grupo Gay da Bahia. Nesse contexto, foi disparado a pergunta: Como é ser gay/lésbica/travesti em Quixadá?

As respostas foram se apresentando a partir da vivência/experiência em trabalhos de campo como: idas aos bares, andanças pela cidade para captar falas e narrativas das pessoas envolvidas nessa pesquisa.

Ressalva-se que os grupos LGBT são formados por pessoas distintas e que têm relações e vivências diferentes com/nos espaços das cidades e que não podemos abordar de forma homogênea. Porém, a investigação realizada focou nas pessoas LGBT, compreendendo-as como grupo social de militância histórica que luta pelo reconhecimento de suas existências e direitos nos âmbitos social e político, apreende-se como grupos que subvertem os comportamentos e os estereótipos entendidos como femininos e masculinos. E como grupos socialmente estigmatizados e academicamente marginalizados, sob o ponto de vista das análises que abordam a cidade e o urbano no âmbito da Geografia.

Quixadá se destaca como umas das cidades mais importantes e influentes da Região Central do estado, sob o ponto de vista econômico. Encontra-se localizada a 144 quilômetros da capital Fortaleza. É uma região cercada por monólitos, cuja beleza das formações rochosas corroborou para o tombamento pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN como Patrimônio Histórico Nacional Brasileiro no ano de 2004. Constitui como uma das maiores cidades do interior do Ceará, contando com uma população de aproximadamente 80.604 mil habitantes distribuídos numa área de 2.019,82 km² (IBGE, 2010).

Além de ser importante economicamente para o Sertão, por ser ponto de irradiação e atração de pessoas e mercadorias movimentadas pelo comércio varejista e atacado, Quixadá possui Instituições de Ensino Superior (IES) desde 1983 e, dessa década em diante, tornou-se um polo da educação no estado, sendo três instituições de ensino superior e uma de ensino tecnológico: Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC/ Campus da Universidade Estadual do Ceará (UECE); a Faculdade

Católica Rainha do Sertão (FCRS); Campus Avançado da Universidade Federal do Ceará (UFC); e Campus do Instituto Federal de Educação (IFCE).

Essas instituições sediadas em Quixadá recebem estudantes das cidades vizinhas, como Ibaretama, Quixeramobim, Senador Pompeu, Mombaça, Pedra Branca, Banabuiú, Ocara, Chorozinho, Piquet Carneiro, Solonópole e outras. Com a chegada das instituições, alterou-se a dinâmica espacial da cidade, fazendo surgir outros estabelecimentos voltados para o consumo, como restaurantes, lanchonetes e bares. Entretanto, não se pode considerá-la como uma cidade universitária, pois ela é polo de atração de estudantes de diversas cidades, mas não necessariamente de fixação. Embora seja possível notar o surgimento de construções habitacionais e o número de imóveis para alugar bastante considerável.

Quixadá também se destaca por ter sido a primeira cidade da região a realizar a “Parada pela gay chega ao Sertão Central” no ano de 2010, evento que foi notícia nos jornais locais (DIÁRIO DO NORDESTE, 2010), e por realizar desfiles para a escolha “Miss Gay Quixadá” desde 2011. Esses eventos foram realizados com a colaboração da Secretária de Esportes e Juventude da prefeitura municipal com o intuito de debater e combater o preconceito e a discriminação contra essas pessoas, tendo em vista os casos de violências motivadas por homofobias que ocorreram/ocorrem na cidade. Assim como foi destaque nos jornais locais (MONÓLITOS POST, 2013) a primeira união entre duas mulheres registrada em cartório, na qual uma delas é a dona do primeiro bar especialmente GLS.

Nesse contexto, a cidade revela-se bastante expressiva no que tange ao fluxo de pessoas motivadas, seja em busca do ensino e educação, seja pelo comércio de mercadorias e o consumo de bens e serviços e pela militância LGBT, com o fomento de eventos e atividades voltadas para o combate ao preconceito e descriminalização. Portanto, a cidade é composta por diversas trajetórias e vivências que produzem paisagens revelando as “multiplicidades coetâneas” (MASSEY, 2005, p. 28), característica das cidades contemporâneas.

As “multiplicidades coetâneas” são reflexos dos processos de formação histórica e geográfica; o novo e o velho que se justapõem; são as histórias do aqui e do agora que não podem ou não devem se repetir no amanhã, mas que marcam o presente. São as ruas que circulam carros e carroças, casas antigas com fachadas não conservadas, casinhas modestas, caiadas e casarões com placas comerciais. Todos esses elementos formam uma paisagem amigável, que nos remete ao passado e nos convida para desvendar o presente, sem esquecer que “Quixadá usufrui de um modo de vida simples, nutrindo hábitos e costumes no fazer cotidiano dimensionados por outros de outrora” (SILVA, 2011, p. 33).

A paisagem à luz do sol é o comércio, o movimento de pessoas e mercadorias. Na “boca da noite”, a praça central, localizada no centro da cidade, chamada José de Barros, mas conhecida como Praça dos Leões, fica cheia de adolescentes, casais apaixonados e senhoras e senhores que vão à igreja. Compondo a paisagem, também estão as barracas com vendas de comidas e bebidas. Os adolescentes se dividem em grupos, promovendo a diversidade de gostos e estilos.

Os grupos se dividem entre os jovens da igreja que cantam músicas de cunho religioso e os que se reúnem em volta do que seria antigamente uma espécie de coreto, para ensaios de peças teatrais, outros

consomem bebidas alcoólicas e se vestem com camisas de bandas musicais nacionais e internacionais, demonstrando as preferências por estilos musicais diferentes. Todos os grupos marcando seus territórios no espaço urbano, na qual é possível afirmar, em conformidade com Corrêa (1995, p. 6), que o espaço urbano

[...] não é vivenciado nem percebido do mesmo modo pelos diversos grupos sociais diferenciados entre si segundo um amplo leque de atributos que se combinam entre si de modo complexo: renda, sexo, idade, as práticas espaciais associadas ao trabalho, crenças, mitos, valores e utopias.

Acrescentamos, no “amplo leque de atributos” citado pelo autor, as diferenças de gênero e preferências e práticas sexuais, que, no caso de Quixadá, esses marcadores somados às diferenças de classe social demarcam as diferenças entre as pessoas LGBT e as não LGBT. O que significa que a cidade não é percebida e nem vivida de forma igual pelos diferentes sujeitos. Os estilos, os corpos, as identidades de gênero, a forma de andar, os jeitos e trejeitos e as práticas sexuais são reprovados em todos os lugares, pois é o desvio do que é compreendido como “normal”, fazendo das pessoas LGBT alvos constantes de violências e abusos na cidade. No período da vivência na cidade para elaboração e execução da pesquisa, foi notícia no jornal local: “Psicopata homofônico: após duas mortes homossexuais estão apreensivos” (JORNAL DIÁRIO DO NORDESTE, 2015).

A cidade, portanto, representa perigo para as pessoas cujos gêneros e práticas sexuais são dissidentes. Para fundamentar a problemática na relação espaço-gênero-sexualidade, cabe pontuar que nas sociedades heteronormativas, as práticas sexuais entre dois seres humanos, além de só ser aceita com o sexo oposto, tem um modelo a seguir: casamento, família e filhos: “A linearidade entre sexo, gênero e desejo sexual é uma característica comum da sociedade contemporânea, que procura a todo custo manter explicações da ordem heterossexual baseadas na natureza dos corpos e dos comportamentos” (SILVA; ORNAT, 2013, p. 4). A cidade, para os/as LGBT, representa perigo e possibilidade, pois é campo aberto para as trocas e transformações sociais e políticas.

A organização da sociedade heteronormativa tem seu fundamento na própria organização e emergência da sociedade capitalista. O modo de vida urbano é uma das principais características dos espaços das cidades ditas modernas, que juntamente com as políticas territoriais do Estado são a “base de uma nova sociedade regrada e ordenada que tende a hegemonização/funcionalização/racionalização das práticas econômicas e das relações sociais” (COSTA, 2007, p. 51).

O modelo heteronormativo é imposto como padrão, modelo acatado também por muitos LGBT, pois aparentemente, seguindo esse modelo, as pessoas LGBT passam a ser “bem-vistas” e “aceitas”. E aqueles que não seguem esse modelo, por simplesmente serem humanos e dotados de intelecto e subjetividades e interesses diversos, são “mal vistos”, são os/as “promíscuos”, fato que acontece em Quixadá, nos remetendo à ideia de uma cidade armário (“armário” sendo compreendido como o *gay* enrustido que está preso, se escondendo – metáfora usada pelos grupos LGBT).

A heteronorma é embasada, teoricamente, pelos discursos científicos que ao longo dos séculos concebem as ideias binárias: certo-errado, normal-anormal, heterossexual-homossexual (LOURO, 2001).

Concorda-se com a ideia de que a heteronormatividade é compulsória, já que os comportamentos pré-estabelecidos para os gêneros masculino e feminino são vigiados e classificados dentro da lógica binária certo-errado (BUTLER, 2010).

Nessa conjuntura é possível afirmar que historicamente as pessoas LGBT são banidas dos espaços públicos e esses episódios são mais acentuados longe das metrópoles, como no caso de Quixadá, enredada no contexto do Nordeste dos “cabras machos”.

Aqui em Quixadá ainda temos que nos esconder, pois a população ainda não está acostumada com o fato de duas mulheres se amarem e conviver de maneira igualitária com os heterossexuais. Já existem lugares conhecidos por seu público homossexual e eu, particularmente, frequento e gosto. O preconceito ainda vive de maneira intensa aqui, comentários e olhares maldosos, agressão física, difamação... digo isso porque já presenciei. Ao contrário dos heterossexuais, ainda não podemos nos beijar na rua, andar de mãos dadas ou coisas do tipo, pois chegam a falar que é até falta de respeito, imoralidade. Falam descaradamente e há de você querer se defender, capaz de fazerem um escândalo. (*sic*) (G. Q., 22 anos. Relato enviado por e-mail. Novembro de 2014).

As violências contra as pessoas LGBT é fenômeno em grande escala, pois cabe compreender que para sua acumulação, reprodução e permanência, o sistema capitalista se fundamenta numa série de regras que não perpassam, necessariamente, as esferas puramente econômicas. É necessário formalizar e racionalizar a vida humana, os modos de ser, de agir, os comportamentos e a própria forma de praticar sexo, para que tudo corrobore com a reprodução e acumulação do capital para que se mantenha a ordem e o modelo de sociedade vigente.

Essa é uma discussão mais ampla, porém, ao abordar as especificidades dos lugares, faz-se necessário esse exercício de conecta-se com o mundo. Ser LGBT é difícil em várias sociedades, porém, tem suas especificidades que se agravam em diversas escalas de acordo com o nível social, econômico, educacional e cultural de casa cidade, bairro e/ou país. Assim, ao abordamos a cidade e o urbano, não é possível deixar de flexionar as escalas temporais, espaciais dos fenômenos.

Na mesma perspectiva, concorda-se com Foucault (1988), para quem a sexualidade é um dispositivo histórico reinventado através dos discursos, tornando-se um pressuposto para a organização das relações sociais. Assim, em nossa sociedade todos devemos ter um “verdadeiro sexo” e esse sexo verdadeiro é o heterossexual. Ou seja, o discurso das ciências ao longo da história demarcou os campos: heterossexual – aquele que pratica sexo com outra pessoa do sexo oposto ao seu; homossexual – aquele que pratica sexo com pessoas do mesmo sexo que o seu. Sendo esse último considerado “desviante”.

Abordar a cidade utilizando como categoria de análise o gênero e a sexualidade – que implicam em “identidade de gênero” (forma como a pessoa se identifica – masculino e/ou feminino) e em “orientação sexual” (lésbica, *gays*, travesti, heterossexual, bissexual) – para compreender a complexidade das relações sociais nos espaços urbanos é lançar-se ao desafio teórico-metodológico, no que tange às compressões sobre a regulação e organização da sociedade contemporânea, com suas segregações, marginalizações e formas díspares dos seres humanos interagirem, existirem, resistirem e ressignificarem o espaço geográfico.

Nessa perspectiva, existe a tentativa de situar e aproximar as pesquisas científicas, principalmente na área das Ciências Humanas, especialmente a Geografia, dos acontecimentos que transcorrem na atualidade e que ocorrem no/com o espaço geográfico, cujas negligências e invisibilidades de diversos grupos sociais, precisam ser discutidas, no sentido de provocar a “desordem” do discurso geográfico calcado na objetividade material do espaço e nas interpretações hegemônicas” (NABOZNY; SILVA; ORNAT, 2007, p. 18), para tentarmos produzir uma Geografia voltada para às análises das relações e diversidades humanas, que são complexas, múltiplas, simbólicas, culturais e também políticas.

Abordamos a cidade em sua multiplicidade, o que significa que ela não é compreendida como uma “representação monolítica condicionada à dureza da funcionalidade econômica”, mas sim como um “campo de possibilidades de múltiplas existências” (COSTA, 2016, p. 130). Sendo assim, a pesquisa alinha-se com as análises que se ocupam com o estudo dos “pequenos espaços, e/ou produção plural do espaço urbano na perspectiva da captura trajetórias e das vivências.

OS PERCURSOS AS VIVÊNCIAS

O trabalho de campo “deve ser considerado, acima de tudo, um processo e não uma simples busca por informações” (SOUZA; PESSÔA, 2013, p. 176). Nesse sentido, o objetivo principal do trabalho de campo é buscar elementos empíricos da experiência dos sujeitos, assim como desconstruir ideias preconcebidas e formular novos questionamentos. Caminhar pela cidade fazendo a leitura das paisagens, desmitificando e descobrindo os espaços físicos e os fluxos de pessoas é a atividade primeira de toda pesquisa que deseja capturar as multiplicidades de uma cidade e as especificidades dos lugares e manifestações dos grupos sociais.

Foram realizados percursos a pé, principalmente noturnos, frequentando os bares, as praças e as festas, caracterizando uma vivência/observação participante. Aplicou-se questionários semiestruturados, com o intuito de capturar as narrativas e as informações sobre os percursos dessas pessoas na cidade, além dos questionários e dos diálogos gravados; foi utilizado a internet e suas redes sociais para a troca de informações, depoimentos e relatos. Porém, em nenhum momento nos prendemos aos questionários, predominaram os diálogos, as conversas fluidas e informais, sem as amarras de metodologias que muitas vezes atrapalham.

Caminhar pela cidade é descobrir outras cidades. Deixar-se ir pelas ruas exige a desconstrução de si, pois o (a) pesquisador (a) é também observado (a). Exige de nós, para além da compressão dos conceitos chaves da ciência geográfica – território, paisagem, região, espaço e lugar (CORRÊA, 2011) –, a resignificação nesses conceitos, com o intuito de abarcar as realidades complexas que se manifestam nas cidades e resignificar os conceitos. Resignificar os conceitos significa contribuir para outros dimensionamentos. A cidade vista como lugar das possibilidades ou como território de poderes ou paisagem múltiplas nos descola da posição centrada apenas na concepção material. No mesmo sentido que no desloca para às possibilidades de transformações políticas e sociais.

Nesse contexto, se compreende que o conceito de território é polissêmico (HAESBAERT, 2013), entretanto, concorda-se com a ideia do mesmo autor, na qual ressignifica a palavra e amplia o conceito, disparou: “O território deve ser visto na perspectiva não apenas de um domínio ou controle politicamente estruturado, mas também de apropriação que incorpora uma dimensão simbólica, identitária e, porque não dizer, afetiva” (HAESBAERT, 2013, p. 41-42).

A afetividade é um fato marcante nas territorialidades LGBT no contexto de Quixadá, não só no sentido da paquera, do sexo, mas da amizade, na busca pelos “iguais”, pelos que compartilham de uma mesma ideia sobre comportamentos, sobre sexo, família etc. Assim, territorialidade, nessa abordagem, enseja microterritorialidades no sentido do afeto, das estratégias de deslocamentos em busca de “se sentirem mais à vontade”, características das vivências e dos percursos das pessoas LGBT na cidade. Eles e elas se expressam, comunicam-se, falam “as suas línguas”, mantêm contatos físicos uns com os outros, que nem sempre são com intenções sexuais.

Disparar que as territorialidades LGBT em Quixadá ensejam microterritorialidade significa, primeiro, constatar que eles e elas não são um grupo homogêneo, como já foi citado; segundo, implica afirmar, em conformidade com Neto (2013, p. 10), o qual o autor explica que a abordagem micro considera a “espacialidade dos diversos grupos sociais e suas coexistências negociadas no espaço urbano, na maior parte das vezes carregadas de tensões, o que não representa a totalidade das práticas espaciais”. Sendo assim, essa pesquisa não focou todas as vivências LGBT na cidade, mas “predominantemente, naquelas que fundam – alteram, ressignificam, anulam, recriam – territórios” e que possuem também um caráter de resistência.

Os percursos e vivências das pessoas LGBT em Quixadá são marcados pelo medo e pela busca do se “sentir à vontade com seus pares”, nesse sentido, ensejam territorialidades marcadas pela apropriação concreta, principalmente de bares. Fenômeno que marca o consumo dos lugares associados aos capitais simbólicos e às performances de gênero¹ e sexualidades.

As apropriações de bares se estabelecem sutilmente, pois os comportamentos são regradados e observados, por ser uma cidade na qual todos e todas se conhecem, diferente da metrópole Fortaleza. Tal sutileza, resultante do fato de “todos se conhecerem”, de alguma forma, ou terem referências uns dos outros, pois mesmo não conhecendo de fato a pessoa, a referência familiar, por exemplo, acaba tornando todos e todas “conhecidos”.

As reuniões associadas à questão estética são bem visíveis, pois são marcadas pelas performances de gêneros e pelos capitais simbólicos que muitos ostentam, seja uma roupa mais requintada ou o fato de possuir ou não veículo de transporte particular. Agrupamentos ligados às identidades de gênero e de classe se expressam e se territorializam nos bares da cidade. Com relação ao simbolismo dos

¹ Butler (2010) lança a ideia da “performance”, nesse sentido gênero é compreendido como “ato performático”, que em suas palavras: “[...] um ato performativo é aquela prática discursiva que efetua ou produz aquilo que ela nomeia” (BUTLER, 2010, p. 121). Ou seja, nomeamos “masculino” e “feminino” a partir de atos performáticos, que não possuem uma essência, não é “natural”, mas sim construções sociais que se reiteram no cotidiano, ou seja, não se nasce homem ou mulher e é a partir dos “atos” que nos tornamos homem ou mulher a partir das normas comportamentais que incidem nos corpos.

agrupamentos LGBT, Costa (2010) afirma que “a condição estética” é um importante variável e que a “reunião estética é puramente espacial”, pois “as aparências dos sujeitos estão compostas por símbolos [...] os símbolos e os significantes são realizados no ‘aqui’ e no ‘agora’ dos acontecimentos” (COSTA, 2010, p. 12).

E esse “aqui” e “agora” são microterritórios que aos poucos vão se formando dentro da cidade, tornando a análise dessas territorialidades bastante inconstantes, pois elas não se apresentam num formato rígido. Nos finais de semana em que acontecem festas, não exatamente voltadas para o público LGBT, os bares da cidade ficam vazios e/ou só lotam depois da festa, no decorrer da madrugada. A escala micro pode ser acionada, pois as inconstâncias e a fluidez das diferentes formas que essas pessoas têm no vivenciar a cidade e se apropriar dos bares refletem em microterritorialidades de resistências. Eis uma escala a ser debatida, mas que são motivadas, no caso, pela identidade de gênero, classe social e práticas sexuais. Eles e elas “ressignificam” os bares e os lugares dos quais se apropriam.

Sendo assim, limitou-se, a princípio, ao recorte dos quatro bares – BoMotivo, Bahamas, Lá em Casa e Pin Up Bar – abrindo possibilidades para uma análise mais ampla sob o ponto de vista do consumo, imbricando a relação espaço-gênero-sexualidade (e consumo), interseccionando os marcadores sociais e as motivações já mencionadas.

O Bahamas foi o primeiro e único bar nomeado GLS da cidade e pertence a ao casal cujo casamento foi noticiado, como mencionado. Fato que marca o bar atraindo e, ao mesmo tempo, repulsando os grupos LGBT. Como as vivências e os percursos são marcados pelo medo e pela performance armário, ir ao Bahamas significa revelar-se. Considerando que é um bar marcado pelo preconceito da população, porém, respeitado pelos que frequentam. É chamado “bar fim de noite”.

Nesse contexto, foi possível observar que é mais frequentado por homens *gays*, pelas “bichas pintosas” (expressão nativa usada para designar homens afeminados) e travestis, do que por mulheres lésbicas. É uma microterritorialidade atrelada ao consumo, pelas pessoas de menor poder aquisitivo e por se tratar de um bar cujo histórico já foi citado, carrega os sentimentos de pertencimento, de reconhecimento entre eles e elas, que se sentem inseguros em outros locais da cidade.

[...] Antes era mais difícil, né? Agora tem o Bahamas aí a gente chega tarde do trabalho, né? E o ponto de encontro é lá. Me sinto bem, pois fico à vontade com as pessoas e todos que andam lá, porque o preconceito existe, mas como eu já sou vivida e tenho a minha a vida, me sustento eu hoje nem ligo. O povo fala, claro que fala, mas eu ando onde eu quero. O Bahamas é o bar onde se concentra as bichas todas, e vamos pra lá pra conversar e se divertir, quando a gente amanhece o dia lá, a gente já tá bêbeda, né, ai nem liga muito pro que o povo fala, mas agressão todas nós já sofremos, né? Mas por aqui a gente faz muita festinha em casa pra ficar mais e mais à vontade. E entre os amigos todos se respeitam. (E., 45 anos. Entrevista concedida em outubro de 2014).

A busca do “ficar à vontade” é o desejo que marca todos e todas que colaboraram com essa pesquisa. E que significa poder beijar seus pares, paquerar, expressar suas performances de gênero sem medo de serem tolhidos.

O BoMotivo é outra microterritorialidade, mas esse já tem a peculiaridade de ser um bar fechado, que exige pagamento de entrada e onde acontecem apresentações ao vivo de bandas e músicos locais e de cantoras assumidamente lésbicas, que se apresentam com repertórios preferidos pelo público LGBT. É o bar considerado “ideal” para os primeiros encontros, as primeiras paqueras e é mais frequentado por pessoas jovens e por mulheres lésbicas, pois é um ambiente considerado mais “elitizado”, sob o ponto de vista dos/das frequentadores/ras, como afirmou uma das entrevistadas: “Todo mundo que mora aqui em Quixadá e é gay ou tá se descobrindo *gay*, vem ia para o BoMotivo, acho que pelo fato de ser fechado, ai a gente não corre o risco de ser flagrada (R. L., 20 anos. Entrevista concedida em agosto de 2013).

Percebeu-se, nesses dois primeiros bares, as diferenças de classe e de gêneros, o primeiro mais frequentado por homens *gays* e travestis. E o segundo considerado mais “elitizado”, frequentado por mulheres lésbicas, porém, o que ambos têm em comum é o sentimento de se proporcionar o “sentir-se à vontade”, acionando o pode ser considerado de pertencimento.

O terceiro bar chama-se Lá em Casa. As proprietárias abrem a semana toda e aos sábados servem almoço, é bem aconchegante, bem decorado, com pinturas que lembram paisagens nordestinas. É um espaço frequentado não apenas pelo público LGBT, mas é possível perceber a microterritorialidade de mulheres lésbicas.

Lésbica no interior é a macho-fêmea, por mais que você não seja “macho” tipo eu, que sou toda “menina”, mas aqui é assim [...] aqui a gente usa muito a internet pra achar as sapas amigas, já descobri várias aqui pelas redes sociais e pelos aplicativos direcionados para relacionamentos. É engraçado que nós mulheres sapas quando não damos pinta, passamos despercebidas e aí o reconhecimento fica por conta do *gaydar* apurado. A gente sempre saca, né? [...] Assim, aqui, como a gente num tem muito pra onde ir a gente fica na internet, quando não tá na internet, tá na faculdade ou no trabalho, aí quando rola de todas se encontrarem a gente procura sempre um bar, claro. E aqui a gente se sente à vontade porque a dona nunca falou nada com quem fica se agarrando, seja gay, lésbica ou não. [...] é melhor ficar num bar do que na praça, pois corremos o risco de ser assaltadas e o povo fica olhando com preconceito (G., 20 anos. Relato concedido em fevereiro de 2014).

Não podemos deixar de registrar que a vivência de mulheres lésbicas em espaços públicos é menor do que as dos homens *gays*, partindo da ideia das relações sexistas e machistas da sociedade, pois os marcadores sociais – mulher e lésbicas – tornam a visibilidade dessas mulheres em espaços públicos ainda mais sutis, porém, tais observações não são uma regra. As vivências lésbicas em uma cidade do interior são ainda mais restritas, exceto quando todas resolvem se reunirem e se apropriarem de um determinado espaço, formando microterritorialidades, motivadas pela amizade, pela troca de ideias, conversas paqueras e reencontros.

O último bar frequentado/observado é o mais recente, Pin Up Boteco, inaugurado em 2014. Toda a decoração do espaço tenta se aproximar do estilo dos bares e lanchonetes norte-americanas dos anos 1940 e 1950, mostrando o híbrido de culturas em pleno Sertão cearense. O espaço é pequeno, mas ainda assim traz bandas e músicos locais para se apresentarem no pequeno palco. O fato de ser um espaço pequeno não proporciona um ambiente para conversas, pois o som muito alto impossibilita os encontros para os diálogos, porém, o bar lota, pois as atrações e estilos musicais variados, que agradam diversos públicos, faz

do bar um espaço bem-vindo na cidade, diante do fato que as principais festas que acontecem no município sempre trazem bandas de forró.

O pin up veio para salvar a nossa vida, pois aqui só rola muito é forró e aí a gente que curte outros estilos de música fica sem opção. Aqui é massa, mas é um pouco caro, mas a gente vem assim mesmo só pra curtir o som (W., 21 anos. Entrevista concedida em outubro de 2014).

A variedade do público que frequenta o bar vai de acordo com as apresentações musicais. Tem o público do *reggae*, do *rock*, da MPB, mas, no geral, o bar virou o principal ponto de encontro de jovens e adolescentes, pois, segundo informou o interlocutor, o bar veio para “salvá-los”. Por ter um público variado, de acordo com a atração do bar, podemos observar que essa microterritorialidade LGBT também é variada e extremamente fluida, pois não encontramos em dois finais semana seguidos os mesmos grupos. Ainda sobre o bar, dois relatos foram concedidos, por J e R, ambos são LGBT

Aqui em Quixadá é muito difícil a gente sair para curtir a noite, pois não tem muitas opções. Eu curto rock e música eletrônica e aí eu não tenho para onde ir aqui, apenas curto em casa. [...] a cidade é parada e quando tem festa é de forró [...] tem a galera gay que anda, mas eu não. Eu já sofri discriminação, sou o “viadinho”, a bichinha, sou pintosa e não passo sem ser visto, as pessoas olham e soltam piadas [...] ter os cabelos do meu estilo num lugar pequeno que nem aqui é muito chamativo [...] ando aqui no pin up quando tem música que eu curto e aí junta todas as pintosas e a gente fica aqui dando pinta, tem os abastados que soltam piadas, mas a gente nem liga, a gente só quer ser feliz (*sic*) (Entrevista em outubro de 2014).

O Pin Up é um bar considerado caro diante dos outros que foram citados nessa pesquisa. Com isso, ele atrai um público de maior poder aquisitivo e considerado “alternativo”. A estética e os capitais simbólicos atrelados ao poder de consumo são bem visíveis e refletem as diferenças de gênero ligadas à classe social que marcam também as diferenças entre os LGBT. Tais observações sendo consideradas desarticulam as noções de identidade e homogeneidade que geralmente são atreladas aos grupos sociais analisados.

Por fim, considera-se que a abordagem do espaço urbano sob a perspectiva da multiplicidade, focando grupos sociais LGBT, foi possível observar os diferentes percursos e vivências e apropriações da cidade. Na cidade experienciada, destaca-se a apropriação de espaços privados associados ao consumo e à diversão em detrimento da ocupação das ruas e praças. Porém, é possível reafirmar que “a busca por lugares de encontro e maior interação social sempre foi uma característica da comunidade lésbica e gay que, como alternativa, buscava (e ainda busca) refúgio em determinados pontos das grandes cidades, dos quais “se apropria” (VIEIRA, 2010, p. 4).

Entretanto, “armário” e “visibilidade” são dois “conceitos sociais e culturais da investigação sobre a sexualidade no espaço urbano” (VIEIRA, 2010). A metáfora do “armário” passa a ideia do não se revelar e/ou viver uma vida privada, buscando apenas lugares sem muita visibilidade por medo e/ou escolha própria, para não revelar as suas práticas identidades de gênero e práticas sexuais. Em Quixadá, não se busca exatamente a invisibilidade, porém, foi possível perceber as apropriações motivadas pela possibilidade de ficarem “reservados”. Mas, a ideia de “ficar no armário” representa a performance íntima de cada LGBT, entretanto, também revela a estrutura de opressões que sofrem essas pessoas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quixadá é uma cidade enredada no contexto do Nordeste “cabra macho”, na qual as vivências e os percursos das pessoas LGBT em seu contexto intra-urbano é marcada pelo medo e pelas estratégias de apropriações de bares, cujas as motivações estão ligadas as identidades e as performances de gêneros, as estéticas e as capitais simbólicos ligados a classes sociais. Foram identificados quatro bares que tem em comum a preferência do público LGBT, porém que se diferem pelas diferentes formas de apropriações.

Com relação a metodologia adotada, enfatiza-se que o/a pesquisador/a que deseja captar as territorialidades e microterritorialidades LGBT no contexto urbano, deve assumir ativamente uma postura política, e não moralista ou tributária do senso comum. Dessa forma, para ir campo é preciso despir-se da moral e saber transitar por diferentes e múltiplas espacialidades.

Com a flexibilidade de escalas é possível perceber e compreender que a cidade é produzida por diversos agentes e, partindo dos grupos sociais estigmatizados, suas vivências e percursos são estratégias também de sobrevivência e resistência e suas apropriações são fluidas e ressignificam/criam lugares, revelam outras cidades dentro da cidade, assim, como outros discursos, vivências e percursos que revelam as especificidades do lugar sem desconectá-lo dos movimentos do mundo contemporâneo.

Enfatiza-se que o dimensionamento do olhar para o urbano, para além da sua produção pelos agentes econômicos, possibilita o rompimento com a história única fazendo perceber as múltiplas existências, as possibilidades de abordagens e as produções de textos sobre a cidade, potencializando discussões e transformações nos âmbitos político, acadêmico e social.

Por fim, ao abordar a relação espaço-gênero-sexualidade, com foco nas pessoas LGBT, buscou-se não só possibilitar visibilidade aos grupos sociais marginalizados, mas contribuir com as discussões teórico-metodológicas no âmbito acadêmico e científico, que, infelizmente, ainda é permeado por preconceitos.

REFERÊNCIAS

BAHIA, Grupo Gay. **Relatório Assassinato de Homossexuais (LGBT) no Brasil**. Bahia, 2013. Disponível em: <https://homofobiamata.files.wordpress.com/2014/03/relatc3b3rio-homicidios-2013.pdf> Acesso em: 21 jan. 2014.

BUTLER, Judith. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo**. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 110-126.

CORRÊA, Roberto Lobato. A dimensão Cultural do Espaço: Alguns temas. **Espaço e Cultura**. Rio de Janeiro: EDUERJ, v. 1, n. 1, p. 1-22, 1995.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço: um conceito chave da Geografia. In: CASTRO, Iná Elias et al. (Org.). **Geografia: conceitos e temas**. 14. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. p. 16- 47.

COSTA, Benhur Pinós. Geografias das interações culturais no espaço urbano: o caso das territorializações das relações homoeróticas e/ou homoafetivas. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 1, n. 2, p. 207– 224, 2010.

_____. **Por uma geografia do cotidiano**: território, cultura homoerotismo na cidade. Tese (Doutorado em Geografia). Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. 362 f.

_____. Geografia e cotidiano: reflexões sobre teoria e prática de pesquisa. In: HEIDRICH, Alavor. L.; PIRES, C. L. Z. (Orgs.). **Abordagens e prática da pesquisa qualitativa em Geografia e saberes sobre espaço e cultura**. Porto Alegre: Letra 1, 2016. p. 129-149.

DUAS quixadaenses celebram primeiro casamento homoafetivo no município. **Monólitos Post**: O Ceará se informa aqui!. Quixadá. 27. nov. 2013. Disponível em: <http://www.monolitospost.com/2013/11/27/duas-quixadaenses-celebram-primeiro-casamento-homoafetivo-no-municipio/> Acesso: 12 jan. 2014.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988. 176 f.

HAESBAERT, Rogério. Identidades territoriais. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSSENDAHL, Zenir. (Org.). **Geografia Cultural**: uma antologia, v. 2. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. p. 233-242.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <http://censo2010.ibge.gov.br/resultados> Acesso em: 15 set. 2015.

LOURO, Guacira. Lopes. Teoria Queer: Uma Política Pós-Identitária para a Educação. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 541-553, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8639.pdf> Acesso em: 15 jan. 2015.

MASSEY, Dorren. Barbara. **Pelo Espaço**: uma nova política da espacialidade. 5. ed. Tradução de Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbart. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015. 312p.

NABOZNY, Almir.; SILVA, Joseli Maria.; ORNAT, Marcio José. Desafios à análise do espaço urbano: interpretando textos marginais do discurso geográfico. **Revista Terra Livre**, Presidente Prudente, ano 23, v. 2, n. 29, p. 15-28, 2007. Disponível em: http://www.agb.org.br/files/TL_N29.pdf. Acesso em: 15 maio 2015.

NETO, Nécio. Turra. Microterritorialidades nas cidades: uma introdução à temática. **Revista Cidades**. São Paulo, v. 10, n. 17, p. 8-17, 2013. Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/revistacidades/article/view/3231> Acesso em: 21 maio 2015.

PARADA Gay chega ao Sertão Central. **Diário do Nordeste**. 08.05.2010. Disponível em: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/regional/parada-gay-chega-ao-sertao-central-1.188270> Acesso em: 12 jan. 2014.

PARKER, Richard. G. **Abaixo do equador**: culturas do desejo, homossexualidade masculinidade e comunidade gay no Brasil. Tradução de Ryta Vinagre. Rio de Janeiro: Record, 2002. 380f

PSICOPATA homofônico: após duas mortes homossexuais estão apreensivos. **Diário do Nordeste**, 28.01.2015. Disponível em: <http://blogs.diariodonordeste.com.br/sertao-central/policia/psicopata-homofobico-apos-duas-mortes-homossexuais-de-quixada-estao-apreensivos/> Acesso em: 30 jan. 2015.

SILVA, Francisca. Williane. Barros. **Entre idas e vindas**: hábitos e costumes na cidade de Quixadá revelado de dentro das bodegas (1960-2010). Trabalho de conclusão de curso (Graduação em História). Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central, Quixadá, CE, 2011. 52 f.

SILVA, Joseli. Maria.; ORNAT, Marcio. José. Território descontínuo paradoxal e prostituição na vivência travesti do sul do Brasil. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 10, **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2013.

Disponível em:

http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1382122717_arquivo_territorio_descontínuo_paradoxal_e_prostituicao.pdf. Acesso em: 26 abr. 2015.

SOUZA, M. M. O; PESSÔA, V. L. S. O trabalho de campo em geografia: por uma perspectiva participante de investigação científica. In. MARAFON, J.G. *et al.* (Org.) **Pesquisa qualitativa em geografia**: reflexões teórico-conceituais e aplicadas. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. p. 173-189.

VIEIRA, Paulo. Jorge. Das Espacialidades Queer: notas para alargar o espectro da geografia social. In: COLÓQUIO IBÉRICO DE GEOGRAFIA, 12. 2010, Porto. **Anais eletrônicos...** Porto: Universidade do Porto, 2010, p. 1-7. ISBN 978-972-99436-5-2 (APG). Disponível em: <http://web.letras.up.pt/xiicig/comunicacoes/210.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2015.